



MAURO FRANCINI - Conegliano Veneto 02.05.1924 – Messina 23.07.1982

Nascido em Conegliano Veneto em 1924, filho de artistas e descendente de uma família cuja atividade remonta à Idade Média, Mauro Francini completou os estudos clássicos participando como ator e cenógrafo nas atividades do Teatro da Universidade de Messina.

A guerra levou-o à Argélia, Tunísia e Marrocos. Em 1947, em Florença, interrompeu os estudos de Arquitetura para se dedicar completamente à pintura e, em 1951, mudou-se para São Paulo, Brasil, chamado por Adolfo Celi, como cenógrafo do Teatro Brasileiro de Comédia. Lá conheceu Clara Heteny, também pintora, com quem se casou e teve dois filhos, Marina e Lando.

No Brasil, ele se integrou ao movimento artístico do “Cone Sul” com exposições individuais e coletivas; participações nas Bienais de São Paulo e nos Salões de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Em 1959, ele se mudou para Paris com uma bolsa de estudos do governo francês e, em 1962, estabeleceu-se em Milão, onde, de 1967 a 1982, ano de sua morte, lecionou História da Cenografia e Maquiagem na Escola Cívica de Arte Dramática do Piccolo Teatro.

Obras de Mauro Francini fazem parte das coleções do Museu Nacional de Belas Artes e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, da Pinacoteca do Estado e do Museu de Arte Moderna de São Paulo, do Museu Nacional de Belas Artes de Montevidéu, além de coleções particulares no Brasil, Itália, França, Argentina, Uruguai, Canadá, Peru, EUA, Suíça, Bélgica, Alemanha, Polônia e Hungria.

RESENHAS

"Mauro Francini apresenta telas de valor singular em termos de composição e execução. Em suas telas sem verniz, ele tende para o mural. Rigor, disciplina, tratamento cuidadoso da matéria e, sobre ela, uma execução em curvas e recortes de um grafismo organizado em áreas limitadas. Um grande técnico, de escrupulosidade quase ascética, preocupado com problemas que só interessam aos "Mestres".

MANUEL GERMANO - "PARATODOS" - Rio de Janeiro - 1956

"Seeing the exhibition of the Twelve Artists of San Paolo, I asked myself the question: what are the boundaries between the abstract and the concrete? Art, after all, is nothing but poetry, only poetry... Francini's mural sense is part of this poetry."

MARCEL JANCO - IV BIENNALE di San Paolo - 1957

"...uma continência controlada, orientada para a conquista primordial dos valores plásticos, cromáticos e táteis, de essência refinada, é perceptível nas superfícies lisas de Mauro Francini."

CORDOVA ITURBURU, crítico - Buenos Aires – 1958

A pintura de Mauro Francini realmente permite a associação com elementos do mundo visível, de modo que podemos senti-la como uma transposição de motivos paisagísticos, impressões de cidades, de florestas. Essa pintura deixa viva a superfície das telas em sua estrutura material, às vezes buscando aspectos murais: não a sentimos como uma busca fanática por modalidades inéditas, mas sim como uma ligação com a parede. Isso lhe garante, dentro da pintura atual, um novo espaço."

W. PFEIFFER, professor de História da Arte no Museu de Arte Moderna de São Paulo - 1958

Em grandes campos cobertos com tinta de impressão, Francini marca manchas pretas violentas, estabelecendo comparações e equilíbrios de composição, fere o grande campo do fundo com grafites que fazem ressurgir o branco do papel. Desenhos de extraordinário poder evocativo e de espontânea originalidade.

A. LEONCIO, crítico - "FOLHAS da NOITE" - São Paulo - 1959

Na fase atual de sua pintura, Mauro Francini deixou para trás suas muitas experiências e também os aspectos mais perigosos daquela habilidade artesanal que lhe permitiu colher louros em diferentes campos, entre os quais se destaca o da cenografia.

Agora, sua atenção se concentra no tema do “lithos”, rico em variações e imprevistos, mas capaz de lhe garantir uma rara pureza estilística, um aprofundamento de temas poéticos e um domínio amoroso da matéria.

O mundo inorgânico observado de dentro, como uma alusão à ordem cósmica, como ponto de referência dos símbolos, dos mitos da humanidade natural, torna-se orgânico por uma espécie de exaltação épica, de afirmação viril do concreto. Tudo nesta pintura de Mauro Francini alude à vida... é uma imagem poderosa da verdade siciliana que se trasfigura através do ímpeto da mão e da acuidade do olhar. Aqui, realmente, abstração é criação.”

RUGGERO JACOBBI, escritor, crítico, ator e diretor - Milão - 1962

"Mauro Francini espone per la prima volta a Milano. Ha dietro quindici anni di lavoro: anni trascorsi tra Brasile e Francia.

A me è apparso subito chiaramente che non si tratta del solito rincorritore dell'ultima diligenza. Non è un caso, né una rivelazione. Non ha neanche da ostentare supponenti problemi, sviluppi, risoluzioni rivoluzionarie. Manca insomma di tutti quelli che sembrano essere i requisiti indispensabili a reggere un primo scontro.

La ragione è che, a un giovane come lui, di raffinata e folta cultura, di molta educazione e di un altrettanto controllo e consapevolezza critica, non sono possibili, né consentite, velleitarie esibizioni: solo gli è possibile mostrare le sue radici profonde e precise.

Quindi le esperienze culturali sono coperte e consumate. Si vede che l'America del Sud gli ha impresso l'orma magica e favolosa degli Incas, la Francia qualche preziosa essenza, ma ciò che per me conta è il battito grave e segreto che si sente dietro e dentro a queste sue radici."

ENNIO MORLOTTI, pintor - Milão - 1962

Mauro Francini, que alguns situariam no domínio abstrato — evidentemente falhando em identificar seu conteúdo segundo uma expressão qualitativa de pesquisa e realização intelectual, transcendida por uma técnica natural, ancorada na singularidade incomum da evolução natural e geológica — desperta o habitat de sua

sugestão em uma objetificação lírica que, beirando tangentes metafísicas, reelabora a voz da criação em uma sincronia imaginativa com as palavras silenciosas da pedra e do sol, de modo que o processo estético é o efeito de uma causa maravilhosa nascida e identificada no próprio conteúdo do material.

Estamos diante de um material objeto-sujeito através do qual as perspectivas cromáticas são uma expressão clara não apenas de técnica e impasto, mas, sobretudo, de uma simbiose clara entre homem e material para uma evolução artística que propõe a beleza para um consumo estético capaz de aproximar o desenvolvimento humano daquela realidade pela qual a arte merece ser definida como tal.

A fonte de suas cores parece surgir de um mundo de catedrais submersas e cristalizadas, num jogo de sombras moderadas e medidas, exaltando não tanto o homem como uma autodefinição, mas a humanidade expressa na direção de uma comunhão de afetos puros.

Cerâmica, pedras, litografias sacrificiais, turfa e plantas abissais: a homogeneidade e a prodigalidade afetiva da pintura de Mauro Francini reiteram um diálogo entre o homem e a criação de considerável significado cultural, bem como uma escavação tátil da matéria viva.

A dimensão horizontal repousa sobre as abscissas de sua elaboração com uma nova imediatividade emocional para o observador, que é atraído para uma interação caleidoscópica de imagens ortodoxas com os cânones do pincel entendidos como a autoidentificação da alma.

Nele, o consumo de imagens torna-se uma imagem do consumo, e a reversibilidade da preposição se apropria firmemente da variedade de compromissos com a boa moral, de uma antissimplicidade acultural, amoral e hedonista. Suas telas propõem um ponto focal de dolorosa ressonância óptica, cuja magia reside principalmente em sugerir paralelos e justaposições que não são meramente figurativas. Suas "litografias sagradas" — por exemplo — evocam a ressonância acústica do teatro de Epidauro.

A partir de ruínas e fragmentos minerais, ele cria águas e céus, basílicas e corais, notas e harmonias: sua recepção emocional instintiva é matizada por elaborações que talvez também possam ser interpretadas em um sentido cultural, mas que, a meu ver, sintetizam postulados deontológicos para os quais a cor é meramente um meio e o efeito uma imanência em si mesma no milagre da manifestação mais objetiva.

Força e robustez expressivas, dinamismo e serena calma construtiva, alma e argila são os constituintes dos quais Mauro Francini destila a virtude de suas obras, diante das quais toda animosidade se desarma e todo encantamento toma forma.

RENATO COLOMBO, poeta - Serravalle Sesia - 1969

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

- Exposição Nacional de Pintura Contemporânea, Messina (1951)
- Bienal de São Paulo (1953 a 1967)
- Salão de Arte Moderna, São Paulo (1952 a 1959)
- Galeria de Arte Contemporânea, São Paulo (1952)
- Primeiro Salão de Agosto, São Paulo (1953)
- Museu de Arte Moderna, São Paulo (1956-1957)
- Salão de Arte Moderna, Rio de Janeiro (1955-1956-1958-1959)
- Doze Artistas Paulistanos na Galeria das Folhas, São Paulo (1957)
- Prêmio Leirner. São Paulo (1957 - 1959 - 1960)
- Pintura Abstrata no Museu de Arte Moderna de São Paulo (1957)
- Galeria das Folhas, São Paulo (1958)
- 9 artistas paulistas na Galeria Antígona, Buenos Aires (1958)
- Exposição de Artistas Brasileiros no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (de 1959 a 1961), Haus der Kunst em Munique, Museu de Arte de Hamburgo, Museu de Arte Moderna de Paris, Ateneu de Madrid, Museu de Arte de Lisboa, Museu de Utrecht
- Galleria Minima, Milão (1962)
- Galleria Il Fondaco, Messina (1962)
- Prêmio Sicília Indústria (1962)
- Galleria Sistina, Milão (1963)
- 6º Prêmio Capo d'Orlando (1963)
- Exposição Internacional de Pequena Pintura, Palermo (1963) e Túnis (1964), Prêmio Província de Palermo (1966)
- Galleria del Milione, Milão (1966)
- Galleria Alberti, Omegna (1969)
- Trajetórias Artísticas. Heteny e Francini entre Europa e Brasil no Palazzo Canonici, Barbarano Mossano (2025)